

FONTES MANUSCRITAS SOBRE A LÍNGUA GERAL DA AMAZÔNIA
ESCRITAS POR JESUÍTAS “TAPUITINGA” (SÉCULO XVIII)

MANUSCRIPT SOURCES ON THE AMAZONIAN “LÍNGUA GERAL”
WRITTEN BY “TAPUITINGA” JESUITS (18TH CENTURY)

Candida Barros
Museu Goeldi
mcandida.barros@gmail.com

Ruth Maria Monserrat
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ruth.monserrat@gmail.com

RESUMO:

O trabalho apresenta o levantamento de documentos setecentistas sobre a língua geral com indícios de terem sido escritos por um pequeno grupo de jesuítas da Europa Central (*tapuitinga*) que chegou à Amazônia entre 1750 e 1753 e aponta algumas das estratégias de aprendizado da língua geral empregadas por eles.

PALAVRAS-CHAVE: Língua geral; dicionários; catecismos; jesuítas da Europa Central

ABSTRACT:

We present a survey of 17th Century documents about the *lingua geral* which appear to have been written by a small group of Central European Jesuits (*tapuitinga*) that arrived in the Amazon region between 1750 and 1753, and we point out some of the strategies they employed for learning the *lingua geral*.

KEYWORDS: Língua geral; dictionary; catechism; Central European Jesuits

Introdução

“Aos lusitanos chamam, mas honestamente, de *caraibas*, o que também significa branco, [...]. No entanto gostam mais de nós [brancos

não lusitanos] e sabem distinguir entre nós e os lusitanos. Um índio veio ao Maranhão, da aldeia de Pindaré; estando todos nós no quarto do P. João Szluha, veio ter conosco, abraçou-nos e disse a cada um de nós: *Tapuitinga katu*, *Tapuitinga katu*, isto é: o bárbaro branco é bom barbaro branco é bom” [...] (Fay 1753 apud RÓNAI, 1942: 269)

A passagem acima identifica jesuítas da Europa Central que chegaram à Amazônia entre 1750 e 1753 como *tapuitinga*. O relato consta de uma carta do jesuíta húngaro David Fay aos seus familiares na Europa, quando de sua chegada à Amazônia. A palavra *tapuitinga*, empregada por um índio da aldeia de Pindaré (Maranhão), é composta morfologicamente por *tapuia* - referência de “bárbaro” - e *tinga*, que significa ‘branco’, ou seja “bárbaro branco” (RÓNAI, 1942, p. 268).

O termo *tapuitinga* já havia sido usado no “Catecismo na lingoa brasilica” de Antônio Araújo e Bertholameu Leão (1686) como referência à população da Índia (“*India Tapyitinga retême*” ‘Índia país dos bárbaros brancos’), em uma passagem sobre os lugares pelos quais São Tomé teria passado (ARAÚJO E LEÃO, 1686, p. 238). Em dicionários tupi setecentistas em circulação na Amazônia, essa palavra é usada para referir-se aos franceses (DICIONÁRIO, s.d., fl.63; GRAMÁTICA, 1750, fl.299). O comum nesses usos (ARAÚJO E LEÃO, 1686; RÓNAI 1942, GRAMÁTICA, 1750 e DICIONÁRIO, s.d.) é uma identificação do não-português para *tapuitinga*, como explica Eckart: “Sic quoque Brasili exteros omnes, qui no sunt Lusitani, appellant, Tapúiatinga” (ECKART, 1779, p.122).

Usaremos também, para denominar esse grupo de missionário, as expressões “jesuítas da Europa Central” (MEIER e AYMORÉ, 2005) e “jesuítas de fala alemã” (KOHUT, 2007). Identificaremos como sendo da autoria deles manuscritos sobre a língua geral, em grande parte anônimos e ainda inéditos. Nessa abordagem não se procurará desvendar a autoria individual de cada documento, e sim destacar os traços comuns que eles apresentam ao escrever sobre a língua geral. Para estudos sobre as possíveis autorias individuais de alguns deles ver análises de Jean-Claude Muller (2012), Papavero e Barros (2013), Papavero (2015), Arenz (em fase de edição), Dietrich (em fase de edição), Prudente (2013a).

1. Objetivos

São dois os objetivos deste trabalho: apresentar o conjunto de fontes manuscritas da língua geral que contêm indícios de terem sido escritas por jesuítas da Europa Central, chegados à Amazônia na década de 50 do século XVIII, e desvendar as estratégias utilizadas por seus autores no aprendizado da língua geral.

Para denominar essa língua indígena usaremos tanto o termo língua geral, recorrente no século XVIII, como tupi, mais conhecido na literatura.

2. O grupo

Em termos institucionais, os padres *tapuitinga* pertenciam à Assistência Germânica da Companhia de Jesus, que compreendia os colégios jesuíticos nas regiões do que é hoje Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça, Áustria, Hungria, Polônia e República Checa (AYMOREÉ, s.d).

Entre os 12 jesuítas que aqui chegaram na década de 50 do século XVIII, oito eram coadjutores espirituais - cargo direcionado às funções da evangelização dos índios - e, como tal, com obrigação de aprender a língua geral; dois eram coadjutores temporais, que não atuavam diretamente na conversão. Enfocaremos os oito coadjutores espirituais, listados abaixo:

Quadro 1: Lista dos coadjutores espirituais que chegaram à Amazônia entre 1750 e 1753 (MEIER e AYMORÉ, 2005)

Nome	Nascimento e morte	Período na Amazônia	Missões de atuação
Eckart, Anselm	1721-1809	1753-1757	Piraguiri, Trocano, Abacaxis, Caeté
Fay, David	1722-1767	1753-1757	Tapuitapera, São José, Acarará e entre os índios Amanajés
Hoffmayer, Henrique	1722-1757?	1753-1757	Santa Cruz
Kaulen, Lourenço	1716-ca.1797	1750-1757	Piraguiri, Mortigura e Sumaúma
Kayling, José	1725 -1791	1753-1760	Índios Tremembé, São João de Cortes
Meisterburg, Anton	1719-1799	1750-1757	Trocano, Abacaxis, Arucarará, Santa Cruz

Nome	Nascimento e morte	Período na Amazônia	Missões de atuação
Schwartz , Martinho	1719-1788	1753-1759	Guaricuru, Araticum
Szluha, João Nepumoceno	1723-1803	1753- 1759	Amanajé, Pindaré

A vinda dos jesuítas *tapuitinga* foi organizada em 1749 pelo padre Roque Hundertpfund, então missionário na Amazônia, tendo recebido apoio da Rainha de Portugal Maria Ana da Áustria e do Padre Geral da Companhia de Jesus, Franz Retz, originário da Boêmia. Todos os três eram de “fala alemã”.

Por contingências políticas, os religiosos da Europa Central que chegaram a partir de 1750 ficaram na Amazônia por breve período de tempo. Com a morte da Rainha Maria Ana da Áustria, e a entrada em vigência da política do Marquês de Pombal (1750-1777), contrário à Companhia de Jesus, os padres *tapuitinga* foram especialmente visados pela administração pombalina, como se pode ver no documento anônimo de crítica à Ordem *Relação abreviada da república que os religiosos jesuítas das Províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias* (1757). O panfleto denuncia os padres David Fay, Anselm Eckart e Antônio Meisterburg.

3. Os documentos

O quadro abaixo inventaria os códices sobre a língua geral contendo sinais que apontam para autoria *tapuitinga*. Em seguida, situaremos esses documentos no conjunto das demais obras congêneres da mesma época.

Quadro 2: Códices em língua geral

Código e Biblioteca depositária	Datação e Autoria	Conteúdo	Referências geográficas
<i>Vocabulario da Língua Brazil</i> (Biblioteca Nacional de Lisboa, código 3143)	Anônimo Sem data	Dicionário Português-Língua Geral	Missão de Abacaxis (rio Madeira)
<i>Prosódia. Dicionário da língua falada por índios do Brasil</i> (Academia de Ciências de Lisboa, no. 569)	Anônimo Sem data	Dicionário Português-Língua Geral, lista de termos do corpo humano, canções e sonetos religiosos em tupi, narrativas rimadas com temas profanos.	Missão de Arucará (rio Xingu)

Código e Biblioteca depositária	Datação e Autoria	Conteúdo	Referências geográficas
<i>Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português.</i> (Biblioteca Municipal de Trier, Código 1136/2048)	Anônimo 1756	Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português	Missão de Piragui-ri (rio Xingu)
<i>Doutrina cristã em língoa geral dos Índios do Estado do Brasil e Maranhão, [...] traduzida em língoa geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos</i> (Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms.1089)	Anônimo Sem data	Diálogo de perguntas e respostas e textos exortativos	
Material confiscado de Eckart em 1759 (Torre do Tombo m.59 n.4)	1753 (?) - 1759	Pequenas listas lexicais	
Correspondência de David Fay aos familiares na Hungria (apud RÓNAI, 1942)	1753	Oração do Pai Nosso traduzida para o tupi	

Por questão de comodidade, nos referiremos à documentação anônima constante no quadro acima, como, respectivamente: *Vocabulário da Língua Brazil* (VOCABULARIO, s.d), *Prosódia* (s.d), Trier (DICIONÁRIO, 1756), *Doutrina* (s.d).

Não foi incluído no quadro um trabalho impresso de teor gramatical de Anselm Eckart sobre a língua geral. Chama-se *Specimen da lingua brasilica vulgaris*. Foi publicado na Alemanha em 1778, um ano depois do jesuíta ter saído da prisão em Lisboa. Em 1779, Eckart publicou uma errata ao artigo, com alguns outros acréscimos - “*Zusatze sum Specimine Linguae Brasilicae vulgaris*”. O trabalho de 1778 foi analisado por Maria Carlota Rosa (1994) e traduzido do latim para o português por Carlos Antônio Kalil Tannus e Miguel Barbosa do Rosário (ECKART, 1994).

Os indícios de que os manuscritos anônimos da tabela acima foram escritos por padres *tapuitinga* são os seguintes:

- a) Inserções em alemão e em latim nos dicionários e na *Doutrina*:
Os padres da Europa Central fazem inserções ocasionais em alemão, e, com mais frequência, em latim. Este era usado por eles como idioma de conhecimento. O artigo de Eckart sobre a língua geral, por exemplo, publicado

na Alemanha em 1778, estava escrito em latim. Também o *Vocabulário da Língua Brazil* e o *Dicionário de Trier* inserem por vezes o alemão, e recorrentemente o latim, como se pode ver nos exemplos abaixo:

Esfregar. *akytýc* ȷ *apixib*. alii: *apixío*. german. *reiben* (Trier, fl. 18)

Aballar. *amocüé*, ȷ *amocatác*. v.g. o esteio, que está fincado, ou huma arvore etc o frequentativo faz *amociüeciüé* ȷ *amocatácatác* e assim fallando dos mais verbos, que poremos adiante, o d^{to} verbo propriamente em latina significa: *concutio* (Trier, fl.1).

Amarella cor do rosto. *Tobá jubá*. Gelb wie saffran (*Voc. da Língua Brazil*, f.19)

- b) Uso de sinal gráfico de parênteses característico da escrita do alemão antigo:

Os jesuítas da Europa Central faziam uso de uma forma gráfica de parênteses - /: - não encontrada na caligrafia portuguesa, que usa apenas barras (/ /). Dois dos códices anônimos citados fazem uso dessa sinalização (*Doutrina* e *Vocabulario da lingua Brazil*):

[...] *Antixto [Anti Christo], coipó abá angaturáma möánga /: Tupã ixé :/ ejágöera motĩ opabenhé abá pýtéropé, v[el] icatúpenhé; omombëü ybýpóra çupé:* (*Doutrina*, fl. 33)

[...] o Anti Cristo ou esse fingido homem bom /: sou Deus :/ ele diz no meio de todos homens [ou] bem às claras, ensinou aos habitantes da terra. [tradução RM]

[Peito] do pé. *Pý cupé*. Aquelle pequeno vao /:vadum :/ no meyo delle: *Nhyã* ou *Pý çõã*. Topinamba (*Voc. da Língua Brazil*, fl. 128).

- c) Marcas de escrita alemã no registro de palavras em português:
Quando chegaram à Amazônia, os jesuítas *tapuítinga* se dedicavam ao aprendizado não apenas da língua geral mas também do português, como menciona o jesuíta Henrique Hoffmayer, um dos que chegaram em 1753 (LAMEGO, 1925, p. 340). A pouca proficiência em português fez com que alguns erros sistemáticos estejam presentes nos três dicionários (MON-SERRAT, no prelo), como a troca de consoantes oclusivas e fricativas

sonoras por surdas (b por p, d por t, g por c,qu,k, z por s), ou o contrário, a troca de surdas por sonoras, entre outros. Isso ocorre também no registro de palavras em latim e em tupi. Exemplos do dicionário de Trier:

Affoquear [afoguesar]. açapù. a. aiepùucar, fazer affoquearse [afoguesarse] (fl.3)
 Xeẽ effluo. çuguy abé ixui iẽmi. effluit ex illo sanquis [sanguis]. [1ªcol; f.50]
 Adormecer act. amonkèr [amongèr] neu. akèr. (fl. 2)
 Amoçác amarrar o fingado [fincado] [2ªcol; f.45]

No caso da *Prosódia*, tais equívocos são os únicos sinais de que o códice foi escrito por autor estrangeiro, uma vez que utiliza apenas o português, sem inserções em latim ou alemão:

Oração. Tupã monketeçába [monguetaçába] (fl. 63)
 Desembaraçar [desembaraçar] como fio. Ajurão (fl. 31)
 Destemperado andar de barriga. Xe righé acy. T. Xe marigacy [maricacy]. Vul.(fl.33)
 Aas apalpatellas [apalpadellas]. Pococába rupí.(fl.2)

A seguir examinaremos os diferentes gêneros de textos sobre a língua geral escritos pelos padres *tapuitinga*:

d) Dicionários Português-língua geral:

Os três dicionários bilíngues português - língua geral dos jesuítas *tapuitinga* seguem um mesmo modelo, também adotado em um códice encontrado na fazenda jesuítica de Gibrié (CÓDICE, 1757). As semelhanças entre essas obras mostra a prática de sucessivas cópias. Aceitamos a sugestão de Capucine Boidin (comunicação pessoal), que propõe tratar essa prática, nos textos guarani coloniais, como sendo de “enésima iteração”, tornando assim irrelevante a ordem de sucessão das cópias.

Esses dicionários de língua geral, em circulação nos anos cinquenta do século XVIII, apresentam a mesma organização na estruturação interna dos verbetes (entrada em português com eventual aditamento de variantes diglósicas - “vulgar” versus “tupinamba”, “catecismo” e “arte”). Em oposição a esse modelo, há um conjunto de dicionários da mesma época que apontam para outra linhagem na forma de fazê-lo (entrada em português e equivalência na variante vulgar da época). Pertencem a esta

segunda linhagem dois dicionários (GRAMÁTICA, 1750 e VOCABULARIO, 1751).

e) Dicionário Língua geral- português:

Há apenas um código de autoria *tapuitinga* - o de Trier - com um dicionário Língua geral-Português. O que o distingue de dois outros documentos setecentistas congêneres (PRAZERES, 1891 e DICIONÁRIO, s.d) é o sistema de ordenamento das entradas, feito pelo final das palavras, enquanto os outros dois as organizam alfabeticamente, pela ordem das letras iniciais. Segue um pequeno trecho ordenado pelo final da palavra em “ab”.

AB (f.45)

Aba tecocu**àb**. pessoa prudente.

Aber**àb**. resplandecer. reluzir.

Aberáber**áb**. resplandecer a miudo.

Acaang**áb**, amoçaang**áb**. medir. aballizar, v assinalar.

Aç**ab** foiro signū per modū crucis, qualicunq ex re.

Acekend**ab**. aliis: acenkendáo. fechar grl^{mte}

Acacu**ab**. crescer a pessoa ou aãl.

Açokend**áb**. fechar a porta.

Ai**áb**. nacer o pinto ou qlqr passaro. abrirse a flor.

f) Textos catequéticos:

Entre os textos catequéticos de autoria *tapuitinga*, há duas versões da oração do Pai Nosso traduzido para o tupi, uma na carta de Fay de 1753 e outra no artigo de Eckart (1778). O código *Prosódia* contém uma série de sonetos e canções em tupi. Algumas destas eram inspiradas em música de origem européia, como “Stabat Mater” (Nossa Senhora da Piedade Imitando o Stabat Mater” , fl. 107v).

A única amostra de diálogo de doutrina que temos dos autores *tapuitinga* é o código “*Doutrina christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos*”. O título nos indica que o autor se propõe a fazer uso da variedade “vulgar” da língua geral no diálogo de doutrina, diferentemente do que havia sido decidido pela Companhia de Jesus uma década antes - ou seja, que deveriam ser mantidos no diálogo de doutrina oficial recursos do tupi clássico (MONSERRAT, BARROS e MOTA, 2010). Podemos constatar a diferença no

exemplo abaixo. Na versão oficial de 1740, para responder negativamente à pergunta sobre se Deus tem corpo, é empregada a forma tradicional da negação tupi (*n-...-i*). No mesmo contexto, a Doutrina utiliza a forma “vulgar” (*nitíu*).

Doutrina Christam de 1740

(apud Códice 1757, fl.132)

P. Cetépe Tupã acê iabe?

P. Deus tem corpo como nós?

R. Nacetei.

R. Não tem corpo.[tradução RM]

[neg-corpo-dele-neg]

Doutrina (fl. 10)

P.Tupá Túba, oguerecó ceté, jandé jabé?

P. Deus Pai tem corpo, como nós?

R. Nitíu ceté: [...]

R. Não tem corpo.[tradução RM]

[não corpo-dele]

g) Narrativas profanas rimadas:

O códice *Prósodia* contém também narrativas rimadas de conteúdo profano, Algumas delas tratam das incursões dos brancos nas aldeias em busca de índios para o trabalho nas canoas, como mostram as traduções para o português de Eduardo Navarro (2008/2011).

Juan Carlos Estenssoro (comunicação pessoal) caracteriza esse gênero de narrativa rimada como destinado a exercitar o conhecimento da língua indígena, sem ligação necessária direta com a evangelização.

h) Pequenas listas lexicais:

Entre os materiais confiscados pela administração pombalina quando da entrada de Anselm Eckart na prisão em Lisboa em 1759 (PAPAVERO, BARROS, NEBGEN, 2013) havia uma série de breves anotações avulsas sobre a língua geral, que atestam o interesse do autor no exercício de aprendizagem tanto do português como da língua geral.

Uma listagem em latim de peças de roupas pessoais tem uma segunda coluna com a palavra equivalente em português (“1 mantile toalha das mãos”). Numa caderneta há uma lista intitulada “Voces a latina ling.” com 13 itens lexicais na língua geral traduzidos para o latim.

Grande parte do material linguístico dos padres *tapuitinga* foi confiscada pela administração pombalina e está hoje em bibliotecas portuguesas (Biblioteca da Universidade de Coimbra, Biblioteca Nacional de Portugal, Torre do Tombo e Academia de Ciências de Lisboa). O *Dicionário de Trier* foi o único que escapou ao confisco pombalino e se encontra na biblioteca dessa cidade alemã.

4. Estratégias de aprendizado da língua geral

4.1 Consulta às fontes tupi impressas

Os jesuítas *tapuitinga*, adultos e letrados, fizeram uso da literatura tupi jesuítica impressa como recurso para o aprendizado linguístico e como acesso a formulários para os cerimoniais de evangelização. David Fay, em 1753, utilizou o catecismo de Bettendorff (1687) para auxiliá-lo na extrema união dos índios: “Havia entre eles muitos doentes. [...] vieram implorar-nos; embora não soubesse ainda a língua vali-me do catecismo em língua lusitana e brasileira, auxiliei como melhor pude aqueles desamparados” (RÓNAI, 1942, p.269).

Alguns verbetes dos dicionários de autoria *tapuitinga*, ao fazerem referência às páginas de “arte” e “catecismo”, permitem identificar sua fonte de consulta. No dicionário de Trier, Prudente (2013b) pôde comprovar que eles tiveram à disposição os catecismos de Araújo e Leão (1686) e de Bettendorff (1687) e a “Arte” de Figueira (1687), como se pode ver abaixo, pelo dicionário de Trier:

“Ama, que cria. *mocãbyâra* v *mocãbyçara*,
membycambubãe. Cate. fol. 117” (Trier fl.4)

ARAÚJO E LEÃO, 1686, pág. 117:
“D.Cunumĩ, cunhã tãĩ, tunhabãẽymãna,
goaibĩ ymãna, muruápõra, **imembycam-
bubãe**, mbãe acybõra, cóãra pucúĩ mora-
bykyãra, goataçãra abé.”

“Purgatorio. *tatã. mondyçaba*. Bett. pag. 51.
forte dicdũ *repymondyçaba*”(Trier, fl. 34).

BETTENDORFF, 1687, pag. 51:
“D. *Putunuçú tatã mondyçãba árybo*
*oçôbãe, pitanga imogarãibipyrẽyma recoã-
bamo cupê*.”
“[O Limbo] é uma caverna grande acima do
purgatório para onde vão as crianças que não
foram batizadas”

Doente. mbãe acymbõra. a arte diz: *bae-
acybõra. pag. 96*.

FIGUEIRA, 1687, pag 96:
“Quecé paié baeäcybõram çubãni, ontem,
o feiteiro chupou o enfermo. Baeäcybõra,
he acusativo, & se naõ estivera immediato
ao seu verbo activo, diriamos, Ixubãni: ut
Quece **baeäcybõra** paié ixubãni.”

Essas obras impressas estavam disponíveis nas missões e bibliotecas dos colégios. Na missão de Abacaxis, havia uma gramática de Anchieta de 1595 (Eckart 1994). Na de Trocana havia “hum catecismo brazilico com o serimonial [sic] dos sacramentos”, segundo o inventário feito por Eckart dos

bens da missão (ECKART, 1756). No século XVIII, esses materiais ainda eram mantidos pela Companhia de Jesus como referência para o aprendizado da língua e a evangelização. Mas, segundo os próprios padres *tapuitinga*, eles não correspondiam mais à língua usada no cotidiano das missões. E segundo o padre Daniel, mesmo o catecismo já não era compreendido pelos índios (DANIEL, 1976, vol.2, p. 225).

4.2 O recurso a Bento Pereira para compreensão do português nos dicionários tupi

Segundo Dieter Messner (2008), os dicionários português-latim foram a base para o estabelecimento do ordenamento alfabético de entradas em português de dicionários em línguas das colônias portuguesas. Já os padres *tapuitinga* acrescentaram um novo uso a esses dicionários português-latim - o de esclarecer o significado das entradas em português nos dicionários de língua geral que tinham a seu dispor. A eficiência de um dicionário bilingue para o aprendizado de uma língua estrangeira depende do conhecimento que o consulente tiver sobre o significado das entradas dos verbetes. A inclusão ocasional do latim revela que o autor desconhecia aquele termo em português.

Dos três dicionários, o mais sistemático na inserção do latim para traduzir as entradas é o *Vocabulario da lingua Brazil*. Para conhecer o significado dos verbetes em português, o missionário serviu-se do dicionário português-latim de Bento Pereira (1º edição 1634).

<i>Vocabulario na lingua Brazil</i>	Bento Pereira (1741)
Cédula, Schedula. <i>Papéra</i> , ut <i>Arecó papera</i> (fl.45)	“Cedula. Scheda, ae. Schedula.ae.”(p.39)
Abainhar. Plicare fimbriam. <i>Amöbybc v. Amanán</i> (fl.3)	“Abainhar . Plicare fimbriam.” (p.1)

Às vezes, além de Bento Pereira, o autor do *Vocabulario da lingua Brazil* consultou também Bluteau (1728), como no exemplo: “Azougado, Traquinas, Ardelio, homu inquietus. *Xereçágyrá*” (fl.32). O sentido de azougado como “traquinas, ardelio” está dado em Bento Pereira (1741:p.21); o de “homu inquietus” está presente apenas em Bluteau (1728, v.1,p.697)

4.3 O uso de aliterações

A uso das aliterações – palavras com sons parecidos e significados diferentes – no aprendizado de línguas estrangeiras era uma prática usada desde a Idade Média (CLANCHY, 2012). Ela está presente em três dos códices:

- nas narrativas profanas rimadas de *Prosódia*:

Xe copixápe catù acýe, Cheguei à minha roça;
Tapyyietà amöapycýe, matei a fome dos tapuios
Xe irunamogoàra çupé, e aos que moram comigo
Aimëeng quatro tuibäé (fl.96v) dei os quatro velhos. (NAVARRO, 2011, p.191)

- no dicionário língua geral-português ordenado pelo final das palavras

Acái. queimarse.
Açapucái. gritar chamando.
Acarái. arranhar a outro.a. (Trier, fl. 45):

- nas anotações de Eckart confiscadas em 1795, antes de entrar na prisão:

Irá mel
Itá lapidem et ferrum (ECKART, 1759)

4.4 Reinterpretação da escrita tupi utilizada por autores portugueses

A escrita tupi utilizada pelos jesuítas lusitanos era baseada na da língua portuguesa, como menciona na “Advertencia sobre a orthographia, & pronunciaçãõ” do catecismo tupi de Araújo e Leão: “Este Catecismo como produzido pelos Portugueses, he Portuguez na escritura; que pode admitir a pena Portu-gueza. E assi se usa nelle de Ç com zeura em lugar do S, cujo natural sibilo não consente a língua Brasilica” (ARAÚJO e LEÃO, 1686).

Os padres *tapuítinga* mantiveram em muitos de seus textos a forma de registro gráfico do tupi estabelecida pela tradição jesuítica portuguesa. Eckart, por exemplo, reproduz a oração do Pai Nosso dentro de tal padrão (1778). David Fay menciona que eles o conservaram nas cópias de textos tupi (“nos costumamos transcrever segundo a língua lusitana”). Porém, é possível identificar vários exercícios de reinterpretação dos valores fonéticos de alguns sons da língua à luz não do português mas de línguas européias com que o grupo tinha maior

familiaridade, como o alemão e o francês. Temos um exemplo no *Specimen* de Eckart (1994), A grafia em língua geral era a portuguesa, mas ele propõe uma interpretação fonética baseada em sons do alemão e do francês: “Apresenta-se a pronúncia de algumas letras no idioma brasílico. *C* pronuncia-se como em alemão o *Z*. *X* como *Sch*. *Y* como o *U* em francês e um pouco mais alto” (ECKART, 1994).

Por outro lado, houve também uma iniciativa de reorientação gráfica, que pode ser vista na versão do Pai Nosso inserida em carta de David Fay a sua família. Ele propõe uma grafia baseada na língua húngara:

Afinal, para verem os europeus que língua bela nos é preciso aprender agora, transcrevo aquí o padre-nosso, que nos costumamos transcrever segundo a língua lusitana, mas dessa vez o faço segunda a pronúncia húngara para vossas mercês lerem bem (Fay apud RÓNAI, 1942, p. 272).

A seguir, uma comparação dos primeiros enunciados do Pai Nosso em Araújo (1686) e no elaborado por Fay para a pronúncia húngara:

Oração do Pai Nosso de David Fay (1753)

Oré rub Übáküpe tokoár

Imoëte-püramo nde rera tojko

Antônio de Araújo (1686)

-Oré rúb, ybákype , tecoár,

-imöeté pyramo nde rëra toicó

Conclusão

A chegada de jesuítas da Assistência Germânica à América Portuguesa para assumirem função de missionários não ocorreu pela primeira vez no século XVIII. Meier e Aymoré (2005) listam os nomes dos vários missionários *tapuitinga* que foram chegando desde o século XVI, sempre individualmente ou em duplas. Em nenhuma ocasião anterior eles vieram em número de 12, como ocorreu entre 1750 e 1753 na Amazônia. Isso nos motivou a investigar os recursos comuns de que dispuseram para seu aprendizado da língua geral.

A iniciativa de trazer um grupo de jesuítas da Europa Central para atuarem como missionários no Brasil mostra que a Companhia de Jesus preferiu formar um quadro bilíngue de adultos (o mais jovem tinha 25 anos) letrados e sem domínio pleno do português a admitir na Ordem filhos de colonos da Amazônia, detentores do conhecimento da língua geral necessário para essa função. No século XVI, foi esta última a estratégia da Ordem na costa do Bra-

sil, com a formação de um quadro de missionários “línguas” (bilíngues) com indivíduos “idiotas” (sem domínio de latim) porém com pleno conhecimento do tupi (BARROS, 2001, p.122) para atuarem como coadjuutores espirituais.

Na conjuntura do século XVIII, os padres *tapuitinga* tiveram a seu dispor escritos sobre o tupi com uma tradição de 200 anos. Consultaram obras impressas entre 1686 e 1687 (Araújo e Leão 1686, Figueira 1687 e Bettendorff 1687) e copiaram um modelo de dicionário na língua geral.

A consulta a esse material pressupunha um conhecimento da língua lusitana suficiente para interpretar as entradas dos verbetes dos dicionários, o valor fonético das representações gráficas propostas para o tupi e compreender as traduções em português dos diálogos de doutrina em tupi. O escasso traquejo no desempenho do português do grupo *tapuitinga* fez com que se socorrassem de outras línguas - seja a latina, para explicar significados incompreensíveis, seja a eventual adaptação gráfica à grafia de línguas que melhor conheciam (alemão e francês).

Na mesma época em que os jesuítas *tapuitinga* copiavam e recriavam fontes tupi, havia uma divergência entre os agentes coloniais sobre a língua de evangelização dos índios. Em 1751, o governador Mendonça Furtado, irmão do Marques de Pombal, defendia o uso do português nesse contexto (MENDONÇA, 1963). Também na Companhia de Jesus não havia consenso - entre a posição do padre João Daniel em sua crônica e a expressa pelo grupo *tapuitinga* em seus documentos sobre a língua geral - a respeito da língua em que se devia evangelizar os índios.

Daniel (1976, vol.2, p. 225) e os padres *tapuitinga* coincidem ao diferenciarem duas variedades de língua geral: a “corrupta” (termo de Daniel) e “vulgar” (termo recorrente entre os *tapuitinga*), usada pelos índios no cotidiano das missões; e a “antiga” ou “verdadeira” (termos de Daniel), ou “tupinambá” (termo usado pelos *tapuitinga*), presente nas obras impressas e conservada nos textos de doutrinação dos índios.

O padre Daniel (1976, v. 2, p. 226) defendeu o uso do português frente à situação de que o catecismo – estabelecido na variedade da língua geral antiga - não era mais compreendido pelos índios. Ao assim fazê-lo, Daniel não considerava a possibilidade de usar a variedade “corrupta” da língua geral para a evangelização.

O grupo *tapuitinga*, por sua vez, não apenas registrou a variedade vulgar nos dicionários, como a introduziu no discurso cristão. Um exemplo é *Prósodia* cujo autor declara na primeira página do manuscrito que registrará no dicionário o que os índios falam e não o que havia de impresso: “Me declaro,

q nesta peq. Prosodia da lingua, entenda por as palavras conforme as fallas os Indios ordinariamente, e a maior parte delles e não conforme a arte, que anda impressa, ou segundo o catecismo” (*Prosodia*, fl. 1).

A incorporação da variedade vulgar ao discurso cristão está ilustrada no próprio título da *Doutrina* (39 capítulos em 125 fólios). que descreve esse processo de uso da lingua geral como sendo de “tradução” (*Doutrina christã em lingua geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingua geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos*)

Esses textos dos padres *tapuitinga* sobre tupi continuam em grande medida inéditos. Um primeiro trabalho para sua divulgação coube a Rosa, Tannus e Barbosa do Rosário em 1994. No momento atual, um grupo de pesquisadores está finalizando a edição de um extrato do dicionário de Trier 1756, para publicação no Portal da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNDigital). Há ainda uma dissertação de mestrado em andamento, por Gabriel Prudente, sobre o mesmo dicionário. O dicionário de Trier 1756 foi encontrado só recentemente, por Jean Claude Muller, na Biblioteca Municipal de Trier, Alemanha (Muller 2012), o que aponta para a possibilidade de que outras bibliotecas alemãs conservem documentos inéditos sobre a língua geral escritos por missionários *tapuitinga*.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Antônio de. *Catecismo na Língua Brasílica*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [1618] 1952.
- ARAÚJO, Antônio de & LEÃO, Bertholameu. *Catecismo Brasilico da doutrina Christã, com o cerimonial dos Sacramentos, & mais actos Parochiaes. Composto por Padres Doutos da Companhia de Jesus, Aperfeiçoado, & dado a luz pelo Padre Antonio de Araújo da mesma Companhia. Emendado nesta segunda impressão pelo P. Bertholomeu de Leam da mesma Companhia*. Lisboa: Officina Miguel Deslandes, 1686.
- ARAÚJO, Domingo. *Chronica da Cia de Jesus da missao do Maranhao pelo Padre Domingos de Araujo*, 1720.
- ARENZ, Karl Heinz. Os possíveis autores do Dicionário de Trier (1756) . In: *Extrato de um dicionário jesuítico de 1756 em língua geral da Amazônia - Letra A: Português-Língua geral*. Portal BNDigital (em fase de edição).
- AYMORE, Fernando Amado. *A literatura etnográfica dos jesuítas alemães sobre o Brasil e a América Espanhola nos séculos XVII e XVIII*. Palestra apresentada no Museu Goeldi, Belém.

- BARROS, Cândida . A portrait of the religious tupi interpreter in Bazil in the sixteenth century. *Itinerario*. Leiden, v. 25, n.2., 2001, p. 110-140
- BETTENDORFF, João Felipe. *Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e Brasilica*. Lisboa: Imprensa Miguel Deslandes, 1687.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário Português e Latino*. 1728. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em 14 de agosto de 2015.
- CLANCHY, Michael T. *From Memory to Written Record: England 1066-1307*. Wiley-Blackwell, 2012.
- Códice tupi. Fazenda de Gibrié*. Londres: British Library, 1757
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Rio Amazonas*. 2 volumes, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976
- Diccionário da Lingua geral do Brasil que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado*. Escrito na Cidade do Pará. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1771
- Dicionário da Lingua Brazilica*. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra. ms. 94, s.d.
- Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português*. Ms. 1136/2048. Biblioteca Municipal de Trier, 1756.
- DIETRICH, Wolf. O dicionário de Trier em comparação com dois outros dicionários de língua geral amazônica. In: *Extrato de um dicionário jesuítico de 1756 em língua geral da Amazônia - Letra A: Português-Língua geral*. Portal BNDigital (em fase de edição).
- Doutrina christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa geral e irregular; e vulgar uzada nesses tempos*. Biblioteca da Universidade de Coimbra, s.d.
- ECKART, Anselmo. *Rol de alguns trastes da Missão que era do Trocano, e hoje Villa de Borba a Nova depositados na ditto Vila por serem empedidos por Ordem do Exmo. Governador Clapitam [?] Gen[ner]al deste Estado Snr Fran[cis]o Xavier de Mendoça Furtado pertendendo eu Levallo pela Ordem que tinha do meu prelado de M. Rdo P. Fran[cis]co de Toledo da Companhia de Jesus Visistador geral, e vice Provincial do Maranhão, os quais trastes sao os seguintes*. (Coleção Pombalina) fol 194. Biblioteca Nacional de Lisboa. 10 de junho de 1756.
- _____. *Papéis do P. Ancelmo Eschard*. Torre do Tombo, 1759.
- _____. *Specimen Linguae Brasilicae vulgaris*. *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, 1778, p. 195-213. Disponível em: <<http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/aufkl/journkunst/>>. Acesso em 14 de agosto de 2015.

- _____. Zusätze sum Specimine Linguae Brasilicae vulgaris. *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur* 5., 1779, p. 121-122. Disponível: <http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/aufkl/journkunst/>. Acesso em 14 de agosto de 2015.
- _____. O Exemplário da língua corrente do Brasil. Tradução do latim de Carlos Antônio Kalil Tannus e Miguel Barbosa do Rosário. *Terceira Margem*, UFRJ, Rio. ano 2, n. 2, 1994, p.176-180.
- FIGUEIRA, Luis. *Arte de grammatica da língua brasílica*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687.
- Gramática da Lingua Geral do Brazil. Com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua. Pará.* (Ms. 69). Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1750.
- LAMEGO, Antônio. *A terra goytacá*. Tomo 3. Bruxelles: L'edition D'Art Gaudio, 1925.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do governador e capitão general do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759*. 3v. Rio de Janeiro: IHGB, 1963.
- MESSNER, Dieter. Anotações aos primeiros dicionários português-tupi.. *Miscelânea lexicológica iberorrománica*. Salamanca: Luso-española de Ediciones. 2008, p. 255- 272.
- MEIER, Johannes & AYMORÉ, Fernando Amado. *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-America. Ein bio-bibliographisches Handbuch*. Band 1: Brasilien (1618-1760). Münster: Aschendorff Verlag, 2005
- MONSERRAT, Ruth. Marcas de escrita de falante de alemão no Dicionário de Trier. In: *Extrato de um dicionário jesuítico de 1756 em língua geral da Amazônia - Letra A: Português-Língua geral*. Portal BNDigital (em fase de edição).
- MONSERRAT, Ruth; BARROS, Cândida; MOTA, Jaqueline. Comparação entre dois diálogos de doutrina jesuíticos tupi: João Filipe Bettendorff (1687) e José Vidigal (1740) In: *Anais da XIII Jornadas Internacionais Missões Jesuíticas*, Dourados. XIII Missões jesuíticas, 2010.
- MULLER, Jean-Claude. Die Identifizierung eines Sprachschatzes in der Trierer Stadtbibliothek das jesuitische Wörterbuch Alt-Tupi/Portugiesisch. *Kurtrierisches Jahrbuch*, v. 52, p. 371-387, 2012.
- NAVARRO, Eduardo. A escravização dos índios num texto missionário em língua geral do século XVIII. *Revista USP*, v. 78, 2008, pp. 105-114

- _____. Um texto anônimo, em língua geral amazônica, do século XVIII. *Revista USP*, v. 90, 2011, p.181-192.
- PAPAVERO, Nelson; PORRO, Antonio (orgs.). *Anselm Eckart S. J. e o estado do Grão-Pará e Maranhão setecentista (1785)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013
- PAPAVERO, Nelson. Nomes de animais em três manuscritos jesuíticos em Língua Geral do século XVIII (Eckart, ma 569 da Academia de Ciências de Lisboa e manuscrito da Universidade de Trier). *Arquivos de Zoologia*. São Paulo, volume 46 (1), 2015, p. 1-39.
- PAPAVERO, Nelson; BARROS, Cândida. O “Vocabulário da língua Brazil” (códice 3143 da Biblioteca Nacional de Portugal) e os Zusätze o Pe. Anselm Eckart, S.J. (1785): Obras do mesmo autor”. In: PAPAVERO, Nelson; PORRO, Antonio (orgs.). *Anselm Eckart S. J. e o estado do Grão-Pará e Maranhão setecentista (1785)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013, p. 337-351.
- PAPAVERO, Nelson; BARROS, Cândida; NEBGEN, C.. Lista dos papéis apreendidos de Anselmo Eckart em 1759. In: PAPAVERO, Nelson; PORRO, Antonio (orgs.). *Anselm Eckart S. J. e o estado do Grão-Pará e Maranhão setecentista (1785)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013
- PEREIRA, Bento..*Prosodia vocabularium bilingüe latinum, et lusitanum digesta*. Nona editio. Eborae. Typ. Academiae, 1741
- PRAZERES [Maranhão], Frei Francisco de Nossa Senhora dos. Poranduba maranhense, ou Relação historica da provincia do Maranhão [...] com [...] um dicionario abreviado da lingua geral do Brazil. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. v. 54, pt. 1, p. [4]-277. Inclui ‘Nota sobre o Poranduba Maranhense’, de César Augusto Marques, p. 279-281]. Disponível : <<http://biblio.etnolinguistica.org>>. 1891. Acesso em 15 de agosto de 2015.
- Prosodia. Dicionário da língua falada por índios do Brasil*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa. no. 569, s.d.
- PRUDENTE, Gabriel. Grupos indígenas e lugares amazônicos no dicionário de 1756: um breve mapeamento histórico *Extrato de um dicionário jesuítico de 1756 em língua geral da Amazônia - Letra A: Português-Língua geral*. BNDigital (em fase edição)
- _____. Marcas germânicas: possibilidades de autoria de um dicionário em língua geral através do estudo dos verbetes. In: *Anais do IX Jornada de Iniciação Científica dos Grupos PET*. (CD-ROM). Belém: IX Jornada de Iniciação Científica dos Grupos PET, 2013.

- _____. Identificando catecismos e gramáticas de língua brasílica em um dicionário de língua geral do setecentos. In: *Livro de Resumos do XXI Seminário de Iniciação Científica - PIBIC*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013, p. 108-108.
- Relação abreviada da república que os religiosos jesuítas das Províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias; e da guerra que neles tem movido e sustentado contra os exércitos espanhóis e portugueses, formada pelos registos das secretarias e dos dois respectivos principais comissários e plenipotenciários e pos outros documentos autênticos*. 1757
- RÓNAI, Paulo. As cartas do P. David Fáy e a sua biografia. Contribuição para a história das missões jesuíticas no Brasil no século XVIII. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1942, p. 193-273. Disponível: <http://biblio.wdfiles.com/local--files/ronai-1944-cartas/ronai_1944_cartas.pdf>. Acesso: 7 de agosto de 2015.
- ROSA, Maria Carlota. Um exemplo de descrição pedagógica no século XVIII: O Specimen linguae brasiliae vulgaris e a tradição jesuítica de ensino de segunda língua. *Terceira Margem. Revista da Pós-graduação em Letras da UFRJ*. Ano II, n.2, 1994, p. 181-189.
- Vocabulário na língua brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 1751
- Vocabulário na Língua Brazil*. Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 3143, s.d.

Enviado em 16 de setembro de 2015.

Aceito em 31 de outubro de 2015.